

## QUAL É A SUA HISTÓRIA?

### OFICINA DE FORMAÇÃO - 2023<sup>1</sup>

Formadora: Dr<sup>a</sup> *Ângela Barcellos Café*

Colaboradoras: *Ana Solino*

*Queila Branco*

Qual é sua história?

A perspectiva aqui colocada será a de descoberta e/ou aprofundamento do conhecimento de seu narrador, uma vez que acreditamos que todas as pessoas já são naturalmente contadoras de histórias, ainda que não saibam, ou não acreditem... Este espaço é para você experimentar e trocar ideias em torno das atividades que envolvem uma narração de histórias, tanto para seu desenvolvimento e descoberta pessoal, como também na perspectiva do ensino, como estratégia, conteúdo e/ou desenvolvimento das linguagens oral e escrita, podendo ser levadas para a sua sala de aula, e outros espaços alternativos. Em outras palavras, a perspectiva de multiplicação está contemplada na ideia de levar o desenvolvimento da narração de histórias para dentro da sala de aula. Uma oportunidade para pensar em conjunto, como seria o desenvolvimento do que vivenciamos em cada turma. Como seriam as adaptações?

Não temos e nem queremos respostas prontas! Modelos não tem sentido em uma formação crítica. Mas, temos muitas direções de pesquisas que nos apontam soluções às vezes inusitadas, ou seja, cada um vai se apropriando das diversas experiências e descobrindo seu próprio caminho, nas vivências e trocas de experiências.

A oficina, “Qual é sua história?”, nos diz das escolhas individuais e do trabalho de construção coletiva que envolve os contadores de histórias, nas escolas, nas Bibliotecas ou qualquer lugar que caiba essa atividade... Ou seja, onde houver bocas para contar ou ler uma boa história e ouvidos para ouvir.

---

<sup>1</sup> Texto utilizado para curso de Multiplicação com apoio do FAC – 2023 (proposto por Ana Solino)

## Sumário

<b>Dia 1 Tema: PRESENÇA e ANCESTRALIDADE</b> .....	2
<b>Dia 2 Tema: ESCOLHA/ REPERTÓRIO/ ESTRUTURA</b> .....	3
<b>Dia 3 Tema: Técnicas da linguagem corporal e PROJETOS</b> .....	4
ANEXO 1 - PROJETO: QUAL É SUA HISTÓRIA?.....	5
ANEXO 2 PARLENDAS.....	19
ANEXO 3 INÍCIO e FINAIS DE HISTÓRIAS: (coletânea com base em fontes variadas) .....	22
ANEXO 4 ESTRUTURAS DOS CONTOS .....	24
A - CONTOS LITERÁRIOS:.....	24
B - CONTOS POPULARES: .....	25
ANEXO 5 EXEMPLOS DE HISTÓRIAS COM ESTRUTURAS DIFERENTES:.....	26
a) HISTÓRIA DA COCA (circular e cumulativa); .....	26
b) AS LÁGRIMAS DE POTYRA .....	28
c) OUTROS EXEMPLOS.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
ANEXO 5 - ENDEREÇOS DE GRUPOS OU CONTADORES! .....	30
ANEXO 6 BIBLIOGRAFIA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS:.....	31

### PLANEJAMENTO:

**Objetivo geral:** Apresentar os Princípios e Fundamentos para o contador de histórias aprendiz, incentivando cada participante a perceber suas potencialidades e formas múltiplas de narrar, ampliando seu repertório, com conhecimento de suas escolhas, para impulsionar e seduzir novos leitores e contadores.

**Duração:** 3 encontros com 4h de duração, totalizando 16h no certificado;  
frequência e participação = mínimo de 80%.

### **Dia 1 Tema: PRESENÇA e ANCESTRALIDADE**

**Objetivo:** despertar a curiosidade e o interesse dos(as) alunos(as) pela narração de histórias, conhecendo e ampliando seu repertório pessoal de possibilidades, tanto apreciando a diversidade apresentada, quanto reconhecendo sua própria escolha;

**Objetivos específicos:** apresentar os princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz, mostrando que cada um arranja o seu próprio percurso; trabalhar a memória por meio de histórias pessoais estimulando reconhecimento de identidades; vivenciar e refletir sobre os fundamentos apresentados e experimentados nas dinâmicas propostas sempre de maneira lúdica;

- 20' Apresentação das oficinas – nome e ocupação de cada participante;
- 30' Apresentar a árvore dos Princípios e Fundamentos para o contador de histórias aprendiz, que vai dar subsídios às nossas falas, exemplos e referências; (puxando interatividade e participação da turma); (*texto na Apostila – Anexo 1*)
- 10' Jogo dos animais – para separar os grupos;
- 15' Grupos de até 5 pessoas – cada um conta um caso pessoal de até 1 min; escolhem 1 dos casos para juntos recontarem em improviso ao resto da turma; o caso deve ficar sempre na primeira pessoa, cada um conta um pedaço, para a turma descobrir de quem é o caso pessoal;
- 25' Apresentação coletiva da história escolhida;
- 10' Conversa sobre a dinâmica – comentários sobre os processos e sentimentos;
- 10'                    I N T E R V A L O
- 10' Alongamento, Respiração e aquecimento vocal;
- 5' Jogos de apresentação; (troca de nomes); (nome + gesto);
- 10' Fala simultânea; individual, com duplas e quartetos; com e sem temas;
- 5' Caminhada no espaço – ritmos variados, lugares diferentes;
- 5' Mímicas individuais – trocas de objetos (em mímica);
- 5' Telefone sem fio de mímica;
- 10' Jogo das emoções;
- 10' Exercícios de entonação; ressignificando objetos;
- 20' Parlendas – criação em grupo; (*Anexo 2*) ou levar uma parlenda criada ou pesquisada no próximo encontro;
- 20' Apresentação das parlendas criadas;
- 10' Conversa final;

## **Dia 2 Tema: ESCOLHA/ REPERTÓRIO/ ESTRUTURA**

**Objetivo:** se reconhecer narrador e distinguir diferentes tipos de estruturas das histórias narradas, ampliando repertórios e possibilidades de escolha da “sua história”.

**Objetivo específico:** entender parte de suas escolhas; explorar e conhecer oralidade e corporeidade da linguagem corporal, por meio de jogos lúdicos; entrar em contato com seu próprio corpo descobrindo formas de se expressar; ampliar o repertório de histórias; identificar estruturas diferentes ampliando possibilidades de narração; perceber que a técnica vem da disciplina e exercício da repetição;

- 20' Voltar à aula passada e à árvore com foco dessa vez na escolha;
- 5' Caminhada com ordens de 1 a 5;
- 5' Jogando uma bolinha: Por que contamos histórias? Outra cor de bola: Para que? contamos histórias?
- 20' conversa sobre escolhas – por que? e para que? contar histórias?

QUAL A SUA HISTÓRIA? Pensar para o próximo encontro...

- 10' Jogo de apresentação; (nome + 3 gestos);
- 10' Inícios e finais de histórias tradicionais; (leitura de cartões – lista **Anexo 3**);
- 10' Estrutura tradicional – o fio da história; (caixinha de cordões coloridos);
- 10' Trava línguas; (leitura de cartões);
- 15' Brinquedo cantado – A mãe lava a saia;

15' INTERVALO

- Escolher 2 objetos um que gosta um que Não gosta: apresentar em blablação o que gosta e e, palavras o que não gosta (justificando);
- 20' Explorar diversos gêneros e estruturas de narrativas em grupos: (**Anexo 4**)
  - \* cumulativa;                      \*de imagens;
  - \* circular;                              \*cantadas;
  - \* em versos;                           \*com o livro (mediação de leitura);

\* Fábulas ocidentais; \* Fábulas orientais; \* Contos de Fadas; \*Lendas; \*Contos populares; \*Literárias; \*Cordéis;

- 40' Apresentação dos grupos e das histórias; (**Anexo 5**)
- 20' Conversa final sobre os tipos e gêneros e as apresentações;

**TAREFA DE CASA:** trazer uma história escolhida; ou uma atividade relacionada ao tema;

### **Dia 3 Tema: Técnicas da linguagem corporal e PROJETOS**

**Objetivo geral:** Ouvir o que a turma tem a dizer após duas aulas e a leitura dos textos, deixando que a turma escolha quais caminhos e/ou propostas serão desenvolvidas para finalizar a oficina;

**Objetivos específicos:** Experimentar as atividades práticas propostas, explorando técnicas de expressividade oral e corporal, para que as histórias possam suscitar imagens e emoções nos ouvintes, promovendo significado ao que está sendo contado.

Conhecer a Pedagogia de Projetos explorando possibilidades de desenvolvimento de atividades e/ou Projetos de incentivo e aproximação com leituras múltiplas; incentivar parcerias e ações que fortaleçam a arte narrativa na região;

Obs: o planejamento do 3º e último encontro é apenas uma sugestão, porém o que vai definir é o resultado apresentado pelos/as participantes;

- Aquecimento; relaxamento;
- Caminhada ao contrário;
- Descontração; brinquedo cantado – Merequetengue...
- Inventando palavras e dando significados;
- O que ficou da “árvore” (fala de participantes); ou outros exercícios corporais;

INTERVALO

- Construindo um projeto; explanação;
- Grupos de discussão;
- Resultado das discussões;
- Roda do limão! Apresentação das histórias.

## ANEXO 1 - PROJETO: QUAL É SUA HISTÓRIA?

Princípios e fundamentos do contador de histórias na contemporaneidade<sup>2</sup>

Ângela Barcellos Café<sup>3</sup>

Qual é sua história é um projeto pensado para que mais pessoas possam interessar pela Arte ou ofício de narradores e, ao mesmo tempo, aprimorar as performances de narração de quem já conta histórias. Porém, antes de refletir sobre um repertório mais adequado me parece pertinente explorar: Quem é o Contador de histórias?

Ouso dizer que somos nós! Todos nós nos comunicamos de alguma forma e, ao ordenar os fatos estamos contando uma história a alguém. Visto assim, de forma simples podemos chamar de falação de histórias. No momento em que aparece um público ouvinte das histórias, de forma *organizada*, mesmo em uma sala de aula essa atividade merece uma preparação. Em alguns lugares, com por exemplo, na Inglaterra o inglês Geoff Fox explica que todo professor é naturalmente um contador de histórias e, todos os currículos de licenciatura, possuem três disciplinas obrigatórias: Literatura infanto-juvenil, Arte dramática e Contador de histórias. Infelizmente, estamos longe dessa realidade. Outras culturas, a exemplo dos povos originários e indígenas de vários continentes e países da África, mostram o valor da ancestralidade entrelaçada na atualidade, por meio das histórias que contam.

Em nossa cultura na *Arte* de contar histórias pesquisamos estéticas e emoções que abarquem plateia e artista para capturarmos o imaginário de ambos. Para isso, uma infinidade de opções pode ser acionada.

A atividade de Contar História é uma atividade que por milênios tem conservado seu poder de suscitar o sonho e a fantasia nos ouvintes. Este texto tem por objetivo fornecer subsídios para pesquisas e experiências de técnicas da linguagem corporal, para que nós contadores contemporâneos possamos nos aperfeiçoar na Arte da narrativa, conquistando ouvintes e cada vez mais espaços diferentes, ampliando um público que não tem distinção de idade. Adultos também gostam de ouvir e contar histórias...

A metáfora escolhida por mim, para representar os Princípios e fundamentos do contador de histórias aprendiz foi a de uma árvore, que pode ser um Baobá, ou outra

---

<sup>2</sup> Texto elaborado com base na Tese de Doutorado da autora, pensando na oficina do FAC, apresentando os princípios e fundamentos para o contador de histórias na contemporaneidade.

<sup>3</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ângela Barcellos Café, professora no curso de Artes Cênicas da UnB; graduada em Educação Física; Mestre em Estudos do Lazer; Doutora em Arte; Pesquisadora na área da cultura popular, jogos, brinquedos e brincadeiras e contadores de histórias, desde 1993; participação das professoras Ana Marize Solino e Queila Branco, na elaboração e correção do texto e planejamento do Projeto e das oficinas.

árvore. O Baobá, por ser um símbolo das histórias africanas e pertencer a nossas heranças culturais, são facilmente interpretados ou associados aos contadores de histórias. Na interpretação de cada contador, poderá tomar forma de outras árvores, com outros formatos, dependendo da intenção e trabalho realizado. Também acho importante deixar claro que este estudo se utiliza das produções dos contadores de histórias, sobretudo os brasileiros, que registraram seus estudos e, de contadores que conviveram e convivem comigo me ensinando e me ajudando a aprender. As vozes dos contadores nos guiam na perspectiva de abrir caminhos de descobertas que dão sentido e ampliam os significados que um conto pode suscitar no ouvinte. Decididamente, este é um texto coletivo que será complementado com a sua compreensão, opções, experiências, oportunidades e vontade de levar adiante.

Outro ponto que merece atenção é de que os princípios e fundamentos não foram construídos ou entendidos de forma isolada. Quando são apresentados e discutidos separadamente, têm a função didática de aprofundar os estudos e propiciar um melhor entendimento. Não podemos compreendê-los como regras fixas e sim como sugestões e possíveis caminhos a serem desvendados, ou seja, técnicas a serem exploradas, desenvolvidas e exercitadas, para serem aproveitadas em uma ou outra história. O que prevalece é o bom senso, dependendo da história e do contador, pois a mesma história é contada de formas diferente, por contadores diversos.

Na prática, para a concretização dessa árvore, foi bordado, por mais de vinte mãos, um painel medindo por volta de 1m<sup>2</sup>, dentro do projeto de Extensão da UnB: Vou te Contar! A imagem representativa da árvore foi subdividida em três partes, raiz, tronco e copa, concebendo os 3 (três) PRINCÍPIOS para o contador de histórias que quer entender o seu fazer. Respectivamente representam: a *Presença/contar com*; a *Escolha/conhecimento* e a *Técnica/linguagem corporal*. Cada um desses princípios tem seus fundamentos correspondentes, que nos ajudam a compreender como funciona a comunicação, por meio da linguagem do corpo (voz e gestos).

O primeiro princípio, a **PRESEÇA** do narrador, se enraíza na significação/compreensão das palavras narradas, envolvendo ao mesmo tempo, contador e ouvinte, no movimento do “**contar com**” na direção do entendimento da história! Os fundamentos que dão sustentabilidade, para que a *Presença* se efetive estão bordados nas raízes. A raiz carrega a ideia de conectar o conto à sua ancestralidade. Isto exige do contador de histórias intimidade profunda consigo e com o repertório escolhido. Mais que

apreciação, sua história precisa informações densas e muitas vezes com fontes diversas, para entender os contextos nela envolvidos. Isso determina pesquisa e aprofundamento.

Mais uma vez, esclareço que os entendimentos dos fundamentos, de qualquer um dos princípios aqui levantados, não são e não funcionam de forma isolada. Essa forma de apresentação deseja aprofundar e ampliar possibilidades de compreensão, para que possam fazer parte da ação narrativa e ao mesmo tempo facilitar a leitura em sala de aula e oficinas para multiplicadores. Para esse fim, o texto segue com uma estrutura em que os fundamentos serão apresentados em tópicos. Assim, os fundamentos inventariados ao princípio da **Presença/contar com**, iniciam com a capacidade de **Escuta**, de cada pessoa, envolvendo a **memória**, as **emoções**, o **imaginário** e a **espontaneidade**, como características daqueles contadores que conseguem arrebatá-lo seu público.

**ESCUTA:** como primeiro fundamento a escuta, envolve atribuição de sentido e significados às palavras narradas. *Saber ouvir*. Neste mundo veloz e com excesso de informações são cada vez mais raros os momentos de deleite em uma simples audição. A experiência nos mostra que quanto mais se ouve histórias, mais aumenta a capacidade de escuta. Esta capacidade está relacionada diretamente com a competência da atenção, e muitas vezes podem ser relacionadas à disposição e habilidade de leitura com compreensão, de mundo. A escuta abre diálogos, tão necessários hoje.

**MEMÓRIA:** ligação interna ou memória afetiva; íntima e diretamente ligada ao interesse de quem narra e ao mesmo tempo de quem conta. Guardar “de cor” significa guardar no coração... Daí uma das justificativas da importância da escolha do texto pelo gosto pessoal, ou seja, aquele que dá prazer, que emociona o contador, para que ele possa “conquistar” seu ouvinte. O interesse amplia as possibilidades para exercícios de *associação*. A memória está também diretamente ligada à atenção e, pela repetição, podemos exercitar a capacidade de fixar o conteúdo de um texto. Assim, os três fatores diretamente relacionados à memória são: *associação, repetição e atenção*. A afirmação de Warter Benjamim(1975) de que “*a relação ingênua entre ouvinte e narrador é dominada pelo interesse em conservar o que é narrado*” (p. 210) evidencia ainda, que a própria relação contador-ouvinte pressupõe o exercício da memória de ambos, novamente suscitando o “*contar com*”, evocando a presença do contador.

**EMOÇÃO:** As emoções geralmente são expressas na face/pele tal como são sentidas, sobretudo nos olhares. A expressão facial e de todo o corpo possibilita e externalização da emoção do contador, provocada pelo texto. Quando o contador não consegue se envolver afetivamente com o texto, não conseguindo sentir e externalizar suas

emoções, a veracidade da narrativa fica comprometida. Não acreditando nas próprias palavras o contador, não pode querer que seu público acredite, aceite e/ou entenda a história. É como se as palavras não tivessem sentido e se perdem no meio de tantas outras. Há também uma necessidade de um controle, para não entregar essa emoção pronta aos ouvintes, inibindo-os de vivenciar seus próprios sentimentos. Um dos segredos é viver as emoções suscitadas pelo texto, sem exagerá-las. Outro ponto importante é considerar a responsabilidade da emoção despertada no ouvinte, pelo contador da história, que deve ter conhecimento do poder que tem de lidar e suscitar emoções diversas. Um texto ganha vida quando começa a circular nos olhos de quem lê, na boca de quem conta e nos ouvidos de quem ouve. Nas histórias tudo pode acontecer porque a verdade das histórias dura somente o tempo em que elas estão vivas, ou seja, quando estão sendo lidas ou contadas. O estudo das emoções segue várias direções simultâneas cabendo aprofundamentos, nas áreas de psicologia e interpretação teatral.

**IMAGINÁRIO:** Suscitar a imagem do ouvinte durante a narração de uma história é o maior desejo do contador, para garantir não só uma interação entre contador e ouvinte, como a significação do próprio conto. O contador de histórias aprende a acessar dispositivos para que as imagens sejam construídas pelos ouvintes, enquanto narra. As imagens de uma história são elaboradas pelo contador no momento do estudo e preparação da história e são acessadas pelo ouvinte e contador, durante a narração no momento em que a presença se efetiva, novamente o “*contar com*”. Embora cada um construa imagens com base em sua experiência pessoal é a imagem uma das grandes colaboradoras no entendimento da história. O imaginário vai muito além da interação com o outro e da construção de ícones, é preciso estudar e entender significados, sentidos, signos, símbolos e como esses operam no momento da comunicação de uma história.

**ESPONTANEIDADE E NATURALIDADE:** São conseguidas pelo domínio da história por meio da paixão pelo que se faz e do esforço para consegui-lo. Como diz Celso Cisto “*O contador de histórias é testemunha ocular daquilo que está narrando*”, se ele não acreditar nas próprias palavras, o ouvinte também duvida (o texto fica inseguro, forçado). Ouso dizer que a espontaneidade é o ingrediente que possibilita o contador a suscitar no ouvinte a emoção e a imagem da história, ou seja, é a *espontaneidade* que permite o “*contar com*”, a **Presença**. Quanto mais a história for repetida, mais internalizada, natural e espontânea fica sua narração. Às vezes pensamos (sobretudo em sala de aula) que não podemos ficar repetindo as histórias. Ao contrário, quanto mais se conhece o texto, maior o domínio, maior a possibilidade de liberdade e credibilidade, facilitando e enriquecendo a interpretação,



tanto do contador, como do ouvinte. A espontaneidade mostra-se como uma característica natural do narrador primeiro, aquele narrador de tempos antigos (que ainda existem mesmo que poucos), com origem na comunicação oral. Gosto de chamá-los de contadores de raiz...

O segundo *princípio*, representado pelo tronco do Baobá, é a **ESCOLHA**, diretamente relacionada ao **CONHECIMENTO**. Os *fundamentos* envolvidos dão sustentação às questões perseguidas: “**O que?**”, “**Para quem?**”, “**Por quê?**” e “**Para que?**”.

A **ESCOLHA/CONHECIMENTO** da história acontece em um momento pessoal, do leitor. Para ser contador é preciso ser leitor, sobretudo quando se quer trabalhar essa atividade na perspectiva do incentivo à leitura. O que é ser leitor? Entendendo a leitura para além da decodificação de signos? Mas, a dúvida permanece: Qual texto escolher? O primeiro e talvez o critério mais importante seja se apaixonar tanto pela história, que dá vontade de sair contando imediatamente. Os fundamentos relacionados ao princípio da *escolha* se apresentam ao mesmo tempo, sendo todos de igual importância. Às vezes penso “O que?” antes do “Quem”, isso acontece quando me apaixono loucamente por uma história e decido que vou procurar uma plateia apropriada. Independente da ordem, a ética e a qualidade exigem do pesquisador.

**QUEM?** – Diz respeito ao ouvinte. Quem é a plateia que vai me ouvir? Pensar para “Quem?” vamos contar a história, ajuda a definir como a história será contada. A experiência pode se aproximar das críticas literárias nos quesitos indicadores das idades, sem que isso seja apontado somente pelo mercado de consumo. A opinião do leitor/ouvinte será sempre a mais importante, lembrando que esse fundamento decorre do princípio da *Escolha*, depende da oportunidade e interesse de conhecer. Hoje temos um mercado que se fragmenta para criar mais consumidores. Nem sempre o contador tem a oportunidade de conhecer sua plateia antes de escolher a história que vai contar, apostar em contos populares pode ser uma boa saída.

**O QUE?** – é um fundamento riquíssimo e inesgotável, que nos fornece um repertório construído pela humanidade com base na memória afetiva, sendo ao mesmo tempo individual e coletivo, inspirados no que ouvimos na infância e ao longo da vida: parlendas, adivinhas, charadas, cantigas e contos populares; contos Sufis, conhecidos como os buscadores da verdade; contos dos irmãos Grimm, que tiveram a intensão na época de unificar a Alemanha; histórias de Trancoso; contos tradicionais de Câmara Cascudo e outros pesquisadores como, Ruth Guimarães, Malba Tahan, Ricardo Azevedo; lendas

indígenas e africanas, histórias de Pedro Malazarte ou de Nashudim; contos da Fadas e Maravilhosos; fábulas ocidentais e fábulas orientais. Isso tudo pertencente ao gênero popular. Por outro lado, ainda temos um mercado de livros literários em franca expansão, sobretudo na literatura infantil e juvenil (literatura para a infância) que vale a pena conhecerem. Na história literária as palavras escolhidas pelo autor são mantidas, pois o contador de histórias é um divulgador da obra literária. Há uma necessidade em muitos casos de estudar a autoria, saber quem é e de onde fala. Isso é ser responsável e respeitoso com a autoria do conto.

Nas histórias populares, por não terem autor conhecido e, ao mesmo tempo pertencerem à oralidade podemos ter mais liberdade e recontá-las no nosso jeito. *Quem conta um conto aumenta um ponto!* Esse ditado popular ilustra o que acontece com as histórias. Hoje temos muitas versões de histórias tradicionalmente conhecidas, que são alteradas propositalmente. Elas também são muito válidas por nos mostrarem que toda história é sempre a variante de quem conta. Deste fundamento, faz parte o estudo do texto e as suas várias formas de preparar sua narração. Que as decisões sejam conscientes, para serem consistentes e os resultados alcançados.

Para escolha do texto é preciso em primeiro lugar gostar tanto, que dá vontade de dividir com a primeira pessoa que encontramos. Mas, é preciso conhecer profundamente o texto escolhido, e para isso pode-se dar atenção especial a quatro “formas de leitura”:

- Estrutura - maneira pela qual o texto foi organizado. Conhecer e dominar, para se ter maior liberdade no contar; as diferentes estruturas orientam o contador definindo as partes do conto;
- Leitura vertical - entendimento minucioso do texto (identificação de um subtexto), significado nas entrelinhas; características dos personagens, das emoções e das paisagens do texto; percepção e construção de detalhes (começam a aparecer ideias de técnicas para a narração);
- Partes - pensar cada parte com suas características, ritmo e entonação; a professora e contadora de histórias Nécia Grilo ensina em subdividir a história em 8 partes<sup>4</sup>; muitos a seguem;
- Sequência – a ordem da estrutura do texto é respeitada e mantida, para que a história não perca o sentido. A separação e reorganização da história é uma boa forma de estudo;

---

<sup>4</sup> Outros contadores oferecem outras possibilidades; Gislayne Avelar, por exemplo, divide em 6 partes; mas depende do conto... O importante é que não seja fechado ou radical.

**PARA QUE?** – essa pergunta se refere aos objetivos diretos e indiretos, muitas vezes inerentes ao contador ou ao repertório. Conhecer seu objetivo permite que você seja autor de seus atos e não um inocente útil da vontade de outros. Há que se ter coerência entre o que se quer, o que se acredita e as ações escolhidas. Por exemplo: em relação à origem do texto, há uma diferença de tratamento entre o texto literário e o narrativo popular. Ao contar um texto literário acredito ser importante respeitar a linguagem empregada pelo autor (decorar o texto, ou melhor, internalizá-lo de maneira que sua linguagem pertença ao contador, naturalmente). Já as narrativas populares são recontadas com as palavras de cada contador, pois sua origem é oral (cada um tem sua maneira própria). Muitas vezes os objetivos estão direcionados a alguma justificativa.

**POR QUÊ?** – você já se perguntou: Por que conta histórias? Ou, por que gostaria de contá-las? Vamos encontrar muitas respostas diferentes “eu conto para salvar o mundo imaginário! Para estruturar e organizar o pensamento; para sentir a emoção das pessoas por meio do brilho nos olhos...” (Ângela Café); Perguntando minhas parceiras: “Conto histórias porque de alguma maneira, eu me identifico com elas e seus personagens, e desta forma eu me conheço cada vez mais. É um exercício de alto conhecimento.” (Ana Marize Solino); “é para mim uma atividade natural. Então prefiro me deter ao momento da narração. É um momento em que conecto com as pessoas. E posso me comunicar com elas. Ainda sobre isso, quando me encanto com uma história, ela me invade. De tal maneira que preciso compartilhá-la. Penso que conto histórias para compartilhar o encantamento que elas produzem. Então me coloco à disposição das histórias para encantar o mundo.” (Queila Branco); Ainda estão envolvidos neste fundamento: conhecimento/diversidade; liberdade/responsabilidade; relação com o público; relações que são construídas com as experiências de preparação e narração das histórias.

O terceiro e último Princípio que orienta as ações e direções de uma boa narração é a **TÉCNICA**, cuja base é o *autoconhecimento da linguagem corporal*, se aprende pela experiência concreta e vivida. Ou seja, se aprende a narrar, narrando...

Cada contador descobre seu próprio gosto, sua forma própria na utilização dos recursos técnicos que nunca serão iguais para todos os contadores ou todas as histórias. O que funciona para alguns pode não funcionar de jeito nenhum para outros. Essa é a primeira regra: não querer ou acreditar em regras fixas.

São infinitos os caminhos para escolher uma forma de se contar histórias e só existe uma forma de descobrir o melhor para cada um: arriscar, pesquisar, experimentar, testar,

errar, retomar... ensaiar até se sentir satisfeito. Aí é só esperar sorrisos e olhares emocionados dos ouvintes, de qualquer idade.

Na técnica proposta para o desenvolvimento da linguagem corporal do narrador<sup>5</sup>, cada pessoa vai descobrindo seu potencial, por meio das dinâmicas propostas, geralmente em atividades coletivas. Talvez por isso, a grande procura por cursos que “ensinam” a contar histórias. Mas, chamo atenção para a raiz da árvore como alimento e o tronco como sustentação para a copa da árvore, onde são descobertas e construídas as técnicas da comunicação. Lembrando que, falar de linguagem corporal e reconhecer eixos de atuação e aprofundamento não significa fragmentar estudo, nem corpo, pois a combinação e organização entre os fundamentos vão funcionar de maneiras diferentes nas pessoas.

Assim, faço uma subdivisão na copa da árvore, com três derivações formando feixes de galhos, representando: oralidade, corporeidade e ritmo. A intensão da técnica por meio desses eixos é mais que uma comunicação entre o narrador e seu público, é um exercício de cumplicidade na significação do conto, pode ser também um exercício de artista e espectador. Os galhos e troncos indicam caminhos para os fundamentos técnicos que no painel são representados por metáforas<sup>6</sup> penduradas ou assentada nos galhos, revelando a complexidade e variedade de possibilidades.

Nos fundamentos do eixo da **oralidade** temos: palavra; voz; entonação; articulação; sotaque; projeção; timbre; onomatopeias; o eixo da **corporeidade** envolve soluções peculiares que podem ser exploradas pelos fundamentos: olhar; gesto/movimento; expressão; tônus muscular; personagem; espaço cênico; acessórios; no terceiro feixe de galhos, ao centro, no eixo do ritmo os fundamentos que nos permitem aprofundar no entendimento de nosso fazer são: respiração; ritmo; pausa e silêncio; clima; adequação.

A ideia dos galhos serem a ligação entre a *Escolha* (da obra a ser contada) e as *Técnicas* que serão utilizadas, procura sentido na forma de cada um interpretar e nunca em uma direção pré-estabelecida que sirva de modelo. Os modelos são como prisões, pois não admitem criação espontânea. A narração entendida no campo da arte não pode aceitar modelos prontos. A opção de iniciar pela oralidade é aleatória, uma vez que considero oralidade e corporeidade como componentes da linguagem corporal, a ser explorada como linguagem artística. Novamente reforço a ideia de pensar no todo, sempre, apenas o foco

---

<sup>5</sup> Esclareço em tempo que na discussão que trazemos aqui não faço distinção entre narrador e contador de histórias, mas, reconheço que dependendo do contexto, ou enfoque do estudo, essa diferença pode ser grande.

<sup>6</sup> Contribuição dos Contadores de histórias do DF, na confecção das metáforas e das confecções bordadas! Gratidão especial!

pode abstrair cada fundamento. Voltamos aos tópicos, nomeando os fundamentos da técnica para entender seu funcionamento e saber por onde quer caminhar.

Pela dificuldade técnica de trazer as imagens para o texto cada metáfora será representada por sua forma mais próxima, entre parênteses, logo após cada fundamento.

**PALAVRA:** (flor) primeiro recurso que dispõe o narrador para o seu trabalho. O contador precisa estudar cada palavra, verificando seu significado no contexto da história. E pronunciar cada palavra com devida emoção, pesquisando sua: forma, cheiro, cor, sabor, textura... A palavra é a matéria prima do contador! Seu ofício é lapidá-la! O contador é um colecionador de palavras!

**VOZ:** (grilo falante) elemento gerador do som, da palavra, por isso de enorme potencial a ser explorado. A voz é um atributo individual, com características particulares de cada personalidade. A respiração está diretamente ligada à voz e seus exercícios auxiliam na impostação da voz, além de ajudar no trabalho de variação do volume, entonação e outros parâmetros sonoros. Conhecer o funcionamento do aparelho fonador ajuda a cultivar suas potencialidades. Alguns cuidados podem ser apontados para aprofundamentos posteriores: exercícios de respiração, impostação, cuidados com a saúde e higiene vocal, consulta à um especialista (fonoaudiólogo).

**ENTONAÇÃO:** (abelha) Uma atenção especial na pontuação orienta a construção da *entonação* apropriada para cada história, pois este é um fundamento básico na narração. Descobrir a musicalidade de um texto exige estudar o texto, em voz alta. O narrador refaz a pontuação, à sua maneira, imprimindo ritmos, intensidades e outros parâmetros do som, significando a história. Cada narrador, neste processo, encontra seu modo de registrar as formas e contornos que vai elaborando em sua narração. Essas anotações são como uma partitura, anotações particulares que tem a intenção de auxiliar o contador na memorização de seus estudos, decisões e memórias futuras. Não há regras específicas para essa anotação, alguns alunos, em minhas oficinas, usavam símbolos, sinais, cores, desenhos com destaques, seguindo a orientação de um registro que possa ser guardado e retomado, posteriormente. Outros preferem usar o gravador, reconstruindo a entonação, durante o estudo.

**ARTICULAÇÃO:** (maçã mordida) Para que o entendimento das palavras que compõem uma história tenha maior qualidade, independente de características pessoais, sua *articulação* é um fundamento. Estudos e práticas na área do canto e da vocalidade mostram que, ampliando a movimentação da boca, a pronúncia pode melhorar bastante. A articulação clara das palavras é responsável por sua compreensão, sendo essa articulação

compreendida como o movimento justo e necessário para a produção de som de determinada sílaba ou vocábulo. A musculatura precisa ser exercitada para se fortalecer.

**SOTAQUE:** (cacho coloridos) Sotaque é a maneira particular de cada povo articular e pronunciar sua fala. Segundo o dicionário Houaiss (2001, p. 1326), “é uma variante em qualquer grupo linguístico, podendo se caracterizar por alteração de ritmo, entonação, ênfase ou distinção fonêmica. Pronúncia imperfeita de idioma falado por estrangeiro”. Essas variantes e pronúncias diferentes (mas não imperfeitas) são ricas fontes de recursos vocais para o narrador. Em nosso país, cada região tem até mais de um sotaque. A diferença é tanta que chega a ter mais de um sotaque em um mesmo Estado, ou em uma mesma cidade, com a presença de migrantes e imigrantes, oriundos de muitos lugares diferentes, como é o exemplo de Brasília.

**PROJEÇÃO:** (vagem com sementes) Contorno, direcionalidade e reverberação, são parâmetros do som, estudados por César Lignelli (2011), relacionados ao espaço em que são produzidos. O contador aprende a dimensionar sua voz, para o ambiente em que está exigindo treino e estudo. “À medida em que os sons expandem sua percepção equivale à dimensão dos desejos”, Gustave Flaubert.

**TIMBRE:** (passarinho) os estudos apontam uma multiplicidade de entendimentos no conceito de timbre. Por enquanto fiquemos no senso comum, em que o timbre se caracteriza como uma qualidade, ou aspecto específico que distingue um som de outros sons, podendo diferenciar uma voz da outra. Para explorar esse recurso proponho mudar alguma parte da caixa de ressonância: língua, lábios, bochecha... Tente... experimente... invente...!

**ONOMATOPEIAS:** (papagaio) Pode ser o som de um sino, de uma campainha, ou pode ser um som diferente dos sons usuais, produzidos de boca ou de corpo, com tamanha estranheza, que desperte a curiosidade dos passantes, transformando-os em ouvintes. As crianças das primeiras idades adoram se comunicar utilizando os sons onomatopaicos em suas conversas, assim como, também, gostam de ouvir com empolgação quando uma narração é cheia de sons misturados às palavras. A escolha do uso de sons onomatopaicos em uma narração de histórias é determinada pela prática do contador, que pode considerar a audiência infantil como a melhor resposta sobre a eficiência ou não de seus usos.

A produção vocal é considerada como movimento corporal inerente ao ato de contar uma história, mas não é o único movimento produzido pelo corpo do contador. Junto ao gesto oral, a expressão de todo o corpo, acompanha desde a cabeça até os pés, em que a postura e os movimentos do contador estão envolvidos em uma mesma ação.

No eixo **corporeidade** convivo com multiplicidades de referências. Ouvir é ver aquilo que se fala; falar é desenhar imagens visuais. O corpo participa por meio de vários fundamentos:

**OLHAR:** (teia de aranha) O olhar é o nosso primeiro canal de comunicação. Ele deve ser ao mesmo tempo interior voltado para o imaginário e para o texto; e exterior, atento a tudo o que está em volta. Consiste na aproximação do contador com o seu público. Quem conta, conta com alguém! O olhar inaugura essa comunicação. A metáfora se revela o fio que a aranha tece, ligando contador e ouvinte.

**GESTOS/MOVIMENTOS:** (boneca abayomi) Estamos falando de linguagem corporal e corporeidade com o desafio de entender como esses elementos produzem sentidos e significados em suas ações, por meio de movimentos e gestos. Em uma história, essas oscilações são estudadas e pensadas no momento da preparação do conto, evitando o improviso para não ter exagero ou inexpressividade. A diferença entre gesto e movimento é apenas didática, para que o contador possa escolher o que usar. Assim, entendo que o gesto é intencional e bem-vindo! Os movimentos sem intenção, que não fazem parte da histórias, são evitados, como por exemplo: andar de um lado para outro, coçar o nariz, arrumar a roupa... Quanto aos gestos, os estudos me indicaram três qualidades: **ilustrativos**, que demonstram e/ou reforçam uma palavra (normalmente os clichês do cotidiano); **enfáticos**, gestos fortes com o intuito de chamar a atenção, especialmente para aquele trecho da história; **sintéticos**, representados pela expressão individual, mostra-se na manifestação plástica do gesto, o enfeite que não pode ficar exagerado (afetado), pois depende de cada forma pessoal de interpretação.

**EXPRESSÃO:** (buquê de flores coloridas) Percebo a expressão como uma aparência do gesto, que se manifesta no rosto e em todo o corpo. A linguagem corporal expressa em cada sujeito tem suas características próprias e o contador que conhece essa potencialidade, com certeza saberá se comunicar melhor. Alguns autores estudaram a fala do corpo, como sua expressão. Os estudos da dança podem ser de grande valor para a expressividade do corpo. Os estudos de interpretação teatral também trabalham esse fundamento. As expressões do rosto podem ser estudadas com base em imagens, que denotam significados para cada expressão que revela um sentimento, uma intenção ou tensão. A pesquisa é individual, porém quando experimentada no jogo coletivo ganha um valor imensurável.

**TONUS MUSCULAR:** (lagarta) a percepção de cada grupo muscular de seu corpo, se ele está tenso ou em estado relaxado interfere diretamente na expressão de todo o corpo. São justamente as variações na tonicidade dos músculos que, conferindo forma ao físico, manifesta sentidos e significados que são comunicados diretamente aos ouvintes. A postura do contador envolve essa tonicidade observando algumas naturalidades, como sustentar o corpo de frente para a plateia, seja em pé ou sentado; o rosto limpo de cabelos ou chapéus que escondam a expressão; braços soltos e naturais; pernas com pesos distribuídos para evitar movimentos de pêndulo. Porém, no momento que essas observações forem entendidas como regras, tudo perde o sentido e fica forçado. Serve no máximo como uma orientação para investigações e aprofundamentos.

**PERSONAGEM:** (ninho com ovos) a ideia trás a importância de gestar esse personagem desde o início de sua existência. Essa construção dos personagens das histórias afeta o autoconhecimento e ao mesmo tempo é o lugar da alteridade. O primeiro personagem a ser construído, que fará parte de todas as histórias, é o narrador oral, que poderá ser pensado em duas vertentes. Uma, em que o contador se descobre narrador, com base em suas próprias características, objetivos, estilos e estéticas e, assim, constrói um repertório que combine e responda aos anseios deste narrador, assumindo ele próprio a condição de narrador (como ocorre em minha experiência). Outro, quando o narrador é um personagem, desenvolvido para este fim, geralmente, inspirado em contadores da tradição oral ou outras fontes de inspiração. Há também algumas narrativas em que personagens tomam forma e vida para dar graça à narração. Esse recurso encontra eco nos estudos de teatro. Ex: palhaço contador, velha contadora, Emília (a tagarela).

**ESPAÇO CÊNICO:** este é outro fundamento que já é bastante explorado pela área das artes Cênicas. Considero como espaço cênico o lugar onde se posiciona o contador em relação às possibilidades de movimento, durante a narração de suas histórias, para determinado público. Alguns ambientes separam contador e público: palco e plateia. Outros ambientes são mais intimistas, aproximando os envolvidos, num maior aconchego. O círculo é um espaço mágico e ancestral, que iguala a todos, criando um clima de escuta. Neste espaço o contador tem o domínio de todo o cenário imaginário, com seus objetos e paisagens, marcando “no ar” ou no chão um elemento da história. Lembrando que o imaginário, fundamento da presença do contador, envolve o ouvinte de tal maneira que se o contador se confunde, errando o lado de um objeto apontado no espaço, confunde também a plateia, que fica perdida e pode se distanciar da história.



**ACESSÓRIOS:** A presença de objetos na narração de uma história, em minha experiência, foi construída aos poucos, nos cursos, oficinas e observações de espetáculos teatrais de bonecos e formas animadas, com pesquisas empíricas, com reflexões coletivas discutidas no grupo de pesquisa. Acredito que seu uso é sugerido pelo texto e pela criatividade do contador. Não importa se o objeto utilizado é real ou imaginário (apresentado pela mímica), tanto seu aparecimento em cena, quanto sua retirada devem fazer sentido e dar continuidade à narrativa, e, não, quebrá-la, desviando a atenção do ouvinte, às vezes impedindo a compreensão da história. Qualquer objeto levado para a cena é considerado como uma extensão do corpo do contador, necessitando de cuidados e treinos. Se o gesto nasce de dentro para fora, o objeto também é incorporado, de maneira a participar dos movimentos do contador na qualidade de gesto, capaz de produzir significados.

Por último o eixo do Ritmo, que envolve todo o corpo e produz sentidos e significados singulares, procurando suscitar em cada ouvinte emoções e imagens que a história pode provocar. Sua compreensão passa pelo entendimento de que aprofundar o conhecimento do funcionamento de seu corpo, pode permitir desenvolver, conhecer e aprimorar técnicas para a contação de histórias. Esse eixo é como se fosse uma continuidade das escolhas, que vão ajudar a pensar a preparação final da história. Envolve os fundamentos: respiração; ritmo; pausa e silêncio; clima adequação.

**RESPIRAÇÃO:** (borboleta) elemento gerador do som, fundamento básico para a vida. Desenvolvida com o auxílio do músculo diafragmático, no sentido de ampliar tanto a resistência como o volume (projeção) da voz. Seu desenvolvimento é gradativo e por meio de exercícios diários e permanentes. Yoga, canto, natação são atividades de aprimoramento da respiração. Existem exercícios estudados e específicos de fortalecimento das vias respiratórias, vale a pena pesquisar!

**RITMO:** (beija-flor) busca-se uma variação de cadência para evitar a monotonia na narração. Suas variações estão relacionadas ao texto (sobretudo na entonação), ao contador e à plateia. Mas, para exercitar essa percepção devemos trabalhar todo o corpo: movimento, fala e respiração de forma simultânea.

**PAUSA E SILÊNCIO:** (cigarra) A escolha dessa metáfora é uma brincadeira, lembrando de épocas em que a cigarra canta (para chama a chuva) e que fica impossível qualquer silêncio. Chamo de *pausa*, o tempo para o imaginário, a provocação de expectativas, o tempo para o ouvinte construir a imagem do que está sendo narrado. A pausa e de domínio do narrador e comanda o ritmo da narração. O *silêncio* é a necessidade

do ambiente para que a história seja veiculada sem dificuldades para o ouvinte interpretar, se emocionar e imaginar as ações da narrativa.

**CLIMA:** (flor diferente) O clima também constitui um elemento a ser considerado, pois, representa o ambiente anterior à história. Na preparação do espaço físico, no acolhimento dos presentes, deixando uma atmosfera agradável. Um outro ponto importante é o clima da própria história. Alguns textos têm a necessidade de explicações anteriores, outros são apropriados para determinados ambientes, lugares e plateias. Pode ser entendido como o contexto em que a histórias será contada e tudo que contribui para esse contexto.

**ADEQUAÇÃO** (nuvem com gotas de chuva) metáfora referente à uma fluidez, entendendo a complexidade de fundamentos que se interpenetram para a comunicação oral. Importante que haja adequação quanto à *escolha da história* ou seção de histórias. O contador precisa *conhecer o público* e suas características para escolher um texto adequado, além de dar atenção aos seguintes aspectos ou condições: local, espaço, público, linguagem, voz.

Jogos lúdicos são utilizados para desenvolver cada um destes fundamento, em busca dos princípios e de uma boa performance narrativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mais importante é experimentar para identificar como os recursos funcionam em sua compreensão, em seu corpo, com seus significados; é perceber que o outro utiliza às vezes o mesmo recurso e funciona de modo diferente, para cada história, para cada contador(a) a muitas vezes com a influência direta do espaço e/ou do contexto do momento.

Assim, a intensão deste texto é ampliar as práticas da contação admitindo a multiplicidade de possibilidades, nunca oferecer modelo ou certezas. Essas só as quero no exato momento em que conto uma história... Porque, esta história, eu vi acontecer!

Esperamos estimular curiosidades e vontades para incentivos no desenvolvimento das linguagens oral e literária, estímulo às aprendizagens da norma culta como garantia de nossos direitos e valorização da norma oral, como preservação da liberdade e multiplicidade cultural, que faz a riqueza diversa desse país.

Por fim, espero que este texto sirva de início ou continuidade para estimular cada vez mais: contadores, ouvintes, leitores, escritores e pessoas que valorizam a arte e a educação! Com tudo isso, você já se sente mais livre para escolher: Qual a sua história?

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores.** Goiânia: Cegraf/UFG, 2005. (esgotado)

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz.** Lisboa, Lisbon, 2020.

Email: [abcafe@gmail.com](mailto:abcafe@gmail.com)

Obrigada e boas histórias!!!

## ANEXO 2 PARLENDAS

### GRUPO 1: (que envolvem parte do corpo na brincadeira)

1. "Dedo mindinho,  
Seu vizinho,  
Pai de todos,  
Fura bolo,  
Mata piolho." (nos dedos de cada mão)

3. "Cadê o toucinho que estava aqui?  
*O gato comeu.*  
Cadê o gato?  
*Foi pro mato.*  
Cadê o mato?  
*O fogo queimou.*  
Cadê o fogo?  
*A água apagou.*  
Cadê a água?  
*O boi bebeu.*  
Cadê o boi?  
*Foi carregar trigo.*  
Cadê o trigo?  
*A galinha espalhou.*  
Cadê a galinha?  
*Foi botar ovo.*  
Cadê o ovo?  
*O frade comeu.*  
Cadê o frade?  
*Tá no convento.*" (na palma da mão)

2. "Uma pulga na balança  
deu um pulo e foi à França,  
Os cavalos a correr,  
Os meninos a brincar,  
Vamos ver quem vai pegar."(c/ as mãos)

4. Janela, janelinha,  
Porta, campainha,  
Ding – dong; (apontando partes do rosto)

5. Serra, serra, serrador  
Serra o papo do vovô.  
Serra, serra serrador  
Quantas tábuas já serrou?  
Já serrou 23... uma, duas, 3, 4...

6. "Toc, toc, toc, quem está batendo aí?  
É a Dona Maricota!  
Pode entrar!  
Olê, olê, olá! bjim, bjim,bjim."

7. Pirulito que bate bate  
Pirulito que já bateu  
Quem gosta de mim é ela  
Quem gosta dela sou eu!

### GRUPO 2 (pular cordas ou contar botões da roupa)

1. "Meio dia,  
Panela no fogo,  
Barriga vazia.

Macaco torrado,  
Que vem da Bahia,

Fazendo careta,  
Pra dona Sofia."

2. "Pisei na pedrinha  
Pedrinha rolou,  
Pisquei pro mocinho,  
Mocinho gostou.  
Contei pra mamãe,  
Mamãe nem ligou.  
Contei pro papai,  
Chinelo cantou."

3. "Rei, capitão,  
soldado, ladrão.  
moça bonita  
Do meu coração."

4. "Papagaio louro  
Do bico dourado  
Leva essa cartinha  
Pro meu namorado  
Se tiver dormindo  
Bate na porta  
Se tiver acordado  
Deixe o recado."

### **GRUPO 3 (jogos de escolha)**

1. "Uni, duni, tê,  
Salamê, mingüê,  
Um sorvete colorê,  
O escolhido foi você!"

2. "A casinha da vovó  
trançadinha de cipó;  
se o café está demorando  
com certeza falta pó."

3. "Lá em cima do piano  
tem um copo de veneno.  
quem bebeu, morreu,  
o azar foi seu."

### **GRUPO 4 (versos, respostas ou relias)**

1. "Quem cochicha,  
O rabo espicha,

5. Agá, agá  
Galinha quer botar.  
Sigê, sigê  
Minha mãe me deu uma surra  
Fui parar no Tietê!  
Por que, por que? Por causa de você!  
Alô, Alô  
O galo já cantou  
Amarelo, amarelo  
Fui parar no cemitério  
Roxo, roxo  
Fui parar dentro do coxo!

6. Lá na rua 24  
A mulher matou um gato  
Com a sola do sapato.  
O sapato estremeceu,  
A mulher morreu,  
Mas o culpado não fui eu.

7. Sola, sapato,  
Rei, rainha.  
Onde quereis que eu vá dormir?  
Na casa da mãe Aninha

4. Mamãe mandou eu escolher  
Esse daqui.  
Mas, como eu sou muito  
Teimosa eu  
Escolho esse daqui.

5. Lá em cima do piano  
Tem um copo de veneno  
Quem bebeu  
Morreu.  
O azar foi seu.

6. An dô lê tá  
Le peti peti culá  
Le café com chocolá  
Na dô lê tá

Come pão  
Com lagartixa"

2. "Enganei um bobo  
Na casca do ovo!"

3. "Tá com frio?  
Toma banho no rio.

Tá com calor?  
Toma banho de regador."

4. "Chuva com sol, casamento  
de espanhol.  
Sol com chuva, casamento  
de viúva."

### GRUPO 5 (versos encadeados e outros versos)

1. "Um, dois, feijão com arroz,  
Três, quatro, feijão no prato,  
"Cinco, seis, falar inglês,  
Sete, oito, comer biscoito,  
Nove, dez, comer pastéis."

2. "Hoje é domingo, pede cachimbo.  
O cachimbo é de barro, bate no jarro.  
O jarro é de fino, bate no sino.  
O sino é de ouro, bate no touro.  
O touro é valente, bate na gente.  
A gente é fraco, cai no buraco.  
O buraco é fundo, acabou-se o mundo."

3. Amanhã é que é Domingo,  
Pede cachimbo.  
Galo Monteiro, pisou na areia.  
Areia é fina, que dá no sino.  
O sino é de ouro, que dá no besouro.  
O besouro é de prata, que dá na barata.  
A barata é valente, que dá no tenente.  
O tenente é mofino, que dá no menino.  
O menino é danado que dá no soldado.  
O soldado é valente, que dá na gente...

4. "Era uma bruxa  
À meia-noite  
Em um castelo mal-assombrado  
com uma faca na mão  
Passando manteiga no pão."

5. "Subi na roseira,  
quebrou um galho  
segura (nome da criança)  
senão eu caio."

6. "Galinha choca,  
comeu minhoca,  
saiu pulando,  
que nem pipoca."

7. "Eu sou pequena  
Da perna grossa.  
Vestido curto,  
Papai não gosta."

### GRUPO 6 (brinquedos cantados e canções de ninar)

1. "Corre cutia, de noite e de dia,  
Na porta da casa da sua tia.  
Corre cipó, na casa da avó.  
Lencinho na mão, caiu no chão.  
Moça bonita, do meu coração...  
Um, dois, três!"

2. "O macaco foi à feira  
não teve o que comprar.  
Comprou uma cadeira

pra comadre se sentar.  
A cadeira esborrachou  
coitada da comadre.  
Foi parar no corredor."

3. "João corta o pão,  
Maria mexe o angu,  
Teresa põe a mesa,  
para a festa do Tatu."

4. “Tic titac titá... o rato subiu até lá  
O sino bateu!!

O rato desceu...  
Tic titac titá...”

#### ANEXO 3 INÍCIO e FINAIS DE HISTÓRIAS: (coletânea com base em fontes variadas)

Tradicionalmente, cada contador tem seu jeito próprio de atrair seu público e iniciar suas histórias. Envolver e preparar o público para uma escuta, é o que aproxima ouvinte e contador. Seguem alguns exemplos, recolhidos da tradição oral...

❖ Adote, modifique, ou invente a sua forma de iniciar uma história!

1. Houve um tempo em que a água do mar era doce como melado. Agora é salgada. Vocês sabem por que ela ficou salgada? Pois eu vou te contar por quê...
2. Eu vou te dizer e te mostrar, um rei...
3. Conte-me e eu te contarei, certa vez...
4. Que Deus não ligue para as pessoas que dizem que...
5. Minha história correu de vale em vale...
6. Que meu conto seja belo e que se desenrole como um longo fio...
7. Eis o que eu escutei entre os nobres. Eu o contarei a vocês...
8. Eu vos passo a história como um velho me contou. Não posso jurar que seja verdade, mas vocês sabem tanto quanto eu que nada se parece tanto com a mentira quanto a verdade!
9. Conta-se – mas Alá é mais poderoso – que certa vez houve um rei...
10. Foi lá que isso se passou, além do Mar Vermelho, além da Floresta Azul, além da Montanha de Cristal, além da Cidade de Palha, lá onde se junta água na peneira...
11. Num lugar distante, onde os gansos descascam o trigo com suas asas e as cabras moem farinhas com sua barbicha...
12. Muito longe, além da extremidade do mundo e além mesmo das Montanhas dos Sete Cães, era uma vez um rei...
13. Na extremidade do mundo, onde tudo se acaba numa paliçada de bambus...
14. No tempo em que os animais falavam...
15. Para ser bom mentiroso é preciso ter boa memória...
16. Cric-Crac. No começo não havia nada porque nada tinha começado...
17. No tempo em que as pedras eram moles e ainda não tinham endurecido...
18. Num lugar distante...
19. Onde foi, onde não foi, além dos sete reinos e pra cá do mar Openciano (um mar ou rio imaginário)...
20. Bem pra lá do cafundó onde fuça o porquinho Rabicó...
21. Além da Montanha de Cristal havia (ou vivia)...
22. Acreditem ou não, todo o Reino da Fantasia e mais um palmo lhe pertencia...
23. Era uma vez, não se sabe onde, num lugar não muito distante...
24. Onde foi, onde não foi, quem sabe, além dos sete reinos, vivia um rei e uma belíssima filha...
25. Devo dizer ou não devo dizer? Mas, mesmo que não diga, vocês já devem ter adivinhado que...
26. No tempo que os desejos se realizavam...
27. Nos primeiros dias do começo do mundo...
28. Antes de nós, num país longínquo, ainda mais distante que o Monte Ararat...
29. Quando as gatas usavam sandálias ou as rãs punham barretes para dormir...

### 30. Quando as galinhas tinham dentes...

#### FINAIS DE HISTÓRIAS:

Tão importante quanto o início, é o final da história! As narrativas nos elevam à um outro patamar distante da realidade. **É preciso concluir, com segurança para que o ouvinte volte à realidade**, entenda que a história acabou. Deixar o ouvinte inseguro atrapalha as emoções despertadas pela história. Deixe claro que a história chegou ao seu fim!

❖ Adote, modifique, ou invente a sua forma de iniciar uma história!

1. ...e eles viveram alegres até o seu fim!
2. ...e reinou por muito tempo com justiça e sabedoria!
3. ...pé de pinto, pé de pato, peço agora que me conte até quatro!
4. ...trim-trim-trim, a história chegou ao fim!
5. ...sapatinho de manteiga, escorrega, mas não cai, entrou por uma porta e saiu pela outra, manda o rei, meu senhor, que conte outra!
6. ...foi um dia uma vaca Vitória, deu um chute ao vento, acabou-se a história!
7. ...e foram muito felizes, e comeram perdizes, e a mim jogaram os ossos e os narizes.
8. ...era uma velha atrás da moita, esticava uma perna e encolhia a outra.
9. ...e como encontraram, tal qual encontrei; assim me contaram, assim vos contei.
10. ...a festa durou sete dias e sete noites inteiras; eu fui e voltei com um prato de doce, mas ele caiu na ladeira.
11. ...eu coloco o meu conto de volta onde peguei.
12. ...o conto que contei, se é doce ou se não é doce, leve-o e depois devolva-me.
13. ...que este não seja meu fim, mas o fim do conto!
14. ...minha história foi de vale em vale, eu a contei aos filhos dos nobres.
15. ...quanto ao final da história, ele é assim contado, mas Deus sabe a verdade.
16. ...eu contei essa história que outros antes de mim contaram. Eu a derramei na taça de suas memórias para que vocês a levem.
17. ...no fio das histórias, como no fio da vida, cada um tece seu tapete.
18. ...o galo cantou e o meu conto acabou.
19. ...E colorim colorado, conto acabado.
20. ...e acabou-se o conto e o levou o vento e todo mal se foi, e o pouco de bem que ficou que seja para mim e para e para os que me ouviram.
21. ...vacas não são bois, chifres são só dois, muita casca tem arroz.
22. ...eu conto cinco, eu conto quatro, a história acaba e quem conta é o pato.
23. ...meu pai contou pra mim, eu vou contar pro meu filho. Meu filho vai contar pro filho dele e assim ninguém esquece.
24. ... o livro do qual tirei essa história foi encontrado na 366ª prega da saia de uma velha de 99 anos.
25. ...quem não acreditar, que vá investigar.
26. ...e isto permanecerá assim enquanto o mundo for mundo, e mais dois dias.
27. ... tomaram o rumo da torre, pegaram a estrada em linha reta, porém sem destino.
28. ...aconteceu, acabou e foi verdade.

## ANEXO 4 ESTRUTURAS DOS CONTOS

### A - CONTOS LITERÁRIOS:

#### 1. FÁBULA OU HISTÓRIA X ENREDO OU TRAMA

- Mudanças na condução:
  - Um dia,
  - Certo dia,
  - Uma vez,
  - Foi quando...

#### 2. ABERTURA E FECHAMENTO

- Fórmulas:
  - Era uma vez...
  - Entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra!

#### 3. LINGUAGEM

- Norma culta, formal
- Popular, informal
- Dialeto de grupos específicos – gírias
- Internetês

#### 4. PERSONAGEM

- Plana / Tipo: estática
- Redonda: evolui
- Protagonista
- Co-protagonista
- Antagonista
- Coadjuvante
- Figurante
- Real ou histórico
- Fictício ou ficcional

#### 5. ESPAÇO

- Interno – lugar fechado
- Externo – ambientes abertos
- Físico
- Social
- Psicológico
- Atmosfera

#### 6. TEMPO

- Eixo estrutural da narrativa.
- Tempo da história: conteúdos narrados
- Tempo do discurso: expressão desses conteúdos.
- Cronológico
- Psicológico
- Começo *in media res*
- Analepses
- Prolepses

#### 7. NARRADOR E FOCO NARRATIVO

- Narrador:



- Autodiegético
- Heterodiegético
- Homodiegético
- Foco narrativo
  - Onisciente – sabe mais que a personagem
  - Ponto de vista – sabe tanto quanto a personagem
  - Câmera – sabe menos que a personagem.

## B - CONTOS POPULARES:

### I) TEMÁTICA

1. Contos de encantamento
  - Contos de fadas, estórias da carochinha
  - Elemento sobrenatural, miraculoso, maravilhoso.
2. Contos exemplares
  - Contos de fundo moral, com intenção educativa.
3. Contos de animais
  - Fábulas: animais personificados
  - Intenção moralizante: “Moral da história”
4. Contos religiosos
  - Presença ou interferência divina.
5. Contos etiológicos
  - Explicam a origem do objeto, seja animal, vegetal ou mineral.

### II) FORMA

1. Lenda ou lenda
  - narrativa de caráter maravilhoso em que um fato histórico, centralizado em torno de algum herói popular (revolucionário, santo, guerreiro), se amplifica e se transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular.
2. Mito
  - relato simbólico, passado de geração em geração dentro de um grupo, que narra e explica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico, instituição, costume social etc.
3. Parábola
  - narrativa alegórica (ou seja, em que as imagens representam pensamentos ou ideias) que transmite uma mensagem indireta, por meio de comparação (ressaltando as diferenças) ou analogia (ressaltando as semelhanças).
4. Adivinha
  - pergunta, questão enigmática que ger. exige resposta ou solução engenhosa; adivinhação, enigma.
5. Ditado ou provérbio
  - frase curta, frequentemente com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral.
6. Causo ou caso
  - narração oral, relativamente curta, que trata de um acontecimento (pretensamente) real.
7. História cumulativa ou repetitiva; tangolomangos ou tanglomangos
  - histórias cumulativas: acrescentam um elemento a cada retorno da narrativa;

- tangolomangos: um dos elementos do conjunto inicial da história vai sendo suprimido a cada repetição.

8. Parlendas

- rima infantil utilizada em brincadeiras ou como técnica de memorização.

## ANEXO 5 EXEMPLOS DE HISTÓRIAS COM ESTRUTURAS DIFERENTES:

### a) HISTÓRIA DA COCA (circular e cumulativa);

Uma vez um menino foi passear no mato e apanhou uma coca; chegando em casa, deu-a de presente à avó, que a preparou e comeu. Mais tarde, o menino sentiu fome e voltou para buscar a coca, cantando:

**Minha vó, me dê minha coca**

**Coca que o mato me deu**

**Minha vó comeu minha coca**

**Coca recoca que o mato me deu**

A avó, que já havia comido a coca, deu-lhe um pouco de angu.

O menino ficou com raiva, jogou o angu na parede e saiu. Mais tarde, arrependeu-se e voltou, cantando:

**Parede, me dê meu angu**

**Angu que minha vó me deu**

**Minha vó comeu minha coca**

**Coca recoca que o mato me deu**

A parede, não tendo mais o angu, deu-lhe um pedaço de sabão.

O menino andou, andou, encontrou uma lavadeira lavando roupa sem sabão e disse-lhe:

— Você lavando roupa sem sabão, lavadeira? Tome este pra você. Dias depois, vendo que a sua roupa estava suja, voltou para tomar o sabão, cantando:

**Lavadeira, me dê meu sabão**

**Sabão que a parede me deu**

**Parede comeu meu angu**

**Angu que minha vó me deu**

**Minha vó comeu minha coca**

**Coca recoca que o mato me deu**

A lavadeira já havia gasto o sabão: deu-lhe então uma navalha.

Adiante, encontrando um cesteiro cortando o cipó com os dentes. Disse-lhe: — Você cortando o cipó com os dentes? Tome esta navalha. O cesteiro ficou muito contente e aceitou a navalha. No dia seguinte, sentindo o menino a barba grande, arrependeu-se de ter dado a navalha (ele sempre se arrependia de dar as coisas) e voltou para buscá-la, cantando:

**Cesteiro me dê minha navalha**

**Navalha que lavadeira me deu**

**Lavadeira gastou meu sabão**

**Sabão que parede me deu**

**Parede comeu meu angu**

**Angu que minha avó em deu**

**Minha vó comeu minha coca**

**Coca recoca que o mato me deu**

O cesteiro, tendo quebrado a navalha, deu-lhe, em paga um cesto. O menino recebeu o cesto e saiu dizendo consigo: — Que é que eu vou fazer com este cesto? No caminho, encontrando um padeiro fazendo pão e colocando-o no chão, deu-lhe o cesto. Mais tarde, precisou do cesto e voltou para buscá-lo com a mesma cantiga.

**Padeiro me dê meu cesto**

**Cesto que o cesteiro me deu**

**O cesteiro quebrou minha navalha**

**Navalha que a lavadeira me deu**

**Lavadeira gastou meu sabão**

**Sabão que parede me deu**

**Parede comeu meu angu**

**Angu que minha avó em deu**

**Minha vó comeu minha coca**

**Coca recoca que o mato me deu**

O padeiro, que tinha vendido o pão com o cesto, deu-lhe um pão. Saiu o menino com o pão, e, depois de muito andar, não estando com fome, deu o pão a uma moça, que encontrou tomando café puro. Depois, sentindo fome, voltou para pedir o pão à moça e canta:

**Moça me dê meu pão**

**Pão que o padeiro me deu**

**O padeiro vendeu meu cesto  
Cesto que cesteiro me deu  
O cesteiro quebrou minha navalha  
Navalha que a lavadeira me deu  
Lavadeira gastou meu sabão  
Sabão que parede me deu  
Parede comeu meu angu  
Angu que minha avó em deu  
Minha vó comeu minha coca  
Coca recoca que o mato me deu**

A moça havia comido o pão; não tendo outra coisa para lhe dar, deu-lhe uma viola. O menino ficou contentíssimo; subiu com a viola numa árvore e se pôs a cantar:

**De uma coca fiz angu  
De angu fiz sabão  
De sabão fiz uma navalha  
Duma navalha fiz um cesto  
De um cesto fiz um pão  
De um pão fiz uma viola  
Dinguelingue que eu vou para Angola**

(Em Pedreira, Ester. "História da coca". *Revista Brasileira de Folclore*, ano 11, nº 31, Rio de Janeiro, setembro/dezembro de 1971, p.319-322)

#### b) AS LÁGRIMAS DE POTYRA (estrutura do conto tradicional)

(recriada por Mitsue Morissawa)

Muito antes dos brancos atingirem os sertões de Goiás, em busca de pedras preciosas, existia por essas partes do Brasil, muitas tribos indígenas. Vivendo em paz, ou em guerra, conforme suas crenças e hábitos.

Numa dessas tribos, que por muito tempo viveu em harmonia com suas tribos vizinhas, viviam: Potyra, menina contemplada por Tupã, com formosura das flores!... E também, Itagiba, jovem forte, valente!...

Era costume na tribo, que as mulheres se casassem muito cedo e os homens, assim que se tornassem guerreiros.

Quando Potyra chegou na idade do casamento, Itagiba assumira sua condição de guerreiro. Não havia como negar que se amavam muito e tinham escolhido, um ao outro. Embora outros jovens também quisessem o amor da indiazinha, nenhum possuía condição para as bodas. De modo que não houve desculpas, Itagiba e Potyra, se casaram, em grande festa.

Corria o tempo tranqüilamente, sem que nada perturbasse a vida do apaixonado casal. Os breves períodos de separação, quando Itagiba saía à caça, com os outros homens, tornava os dois ainda mais unidos. Era admirável a alegria do reencontro.

Até que um dia, o território da tribo foi invadido por vizinhos cobiçosos, devido a abundante caça que ali havia. Itagiba teve que partir com os outros para a guerra.

Potyra ficou contemplando as canoas descendo o rio, levando sua gente em armas. Não chorou feitas as outras mulheres. Talvez porque nunca tivesse visto, ou vivido o que se sucede à uma guerra. Toda a tarde ia à beira do rio, numa espera paciente e calma. Alheia à algazarra constante das crianças, ou aos afazeres das outras mulheres, Potyra ficava atenta. Querendo ouvir uma batida de remo na água, ou ver despontar na curva do rio, uma canoa, trazendo seu amado de volta.

Só voltava à taba, ao anoitecer, depois de olhar uma última vez, tentando distinguir o perfil de Itagiba no entardecer.

Foram muitas tardes iguais, com a for da saudade aumentando pouco a pouco.

Até que o canto da Araponga ressoou na floresta. Desta vez, não para anunciar a chuva, mas para prenunciar que Itagiba, não voltaria. Pois tinha morrido na batalha.

Pela primeira vez, Potyra chorou! E, sem dizer palavra, como não haveria de dizer nunca mais, ficou ali, à beira do rio, soluçando tristemente.

As lágrimas que iam descendo do seu rosto sem cessar, iam se tornando sólidas e brilhantes no ar. Antes de submergirem e tocarem o cascalho do fundo...

Dizem, que Tupã, condoído com tanto sofrimento, transformou suas lágrimas em diamantes. Para perpetuar o amor daqueles dois.

### c) HISTÓRIAS EM VERSOS

ERA UMA VEZ UM LOBO MINGAU  
(Alessandra Roscoe e Juan Chavetta) – Saber e Ler

Ele bem que tentava ser um lobo mau,  
Mas era assustado, medroso e sentimental.  
Por isso mesmo seu nome era Mingau.

Seu uivo parecia choro.

Chorava de frio, de medo, de tristeza.  
Chorava de alegria e de emoção.  
Chorava até com receita de bolo, novela e comercial de televisão.

Mas era tb um lobo inconveniente.  
Reclamava do ambiente e de nunca ver gente.  
Era meio decadente. Tinha na boca um único dente.  
Doído, amolecido e, diziam até, um tanto apodrecido.

Era mesmo um lobo bem caído! Acontece que para complicar era tb um lobo metido e fazia de tudo pra poder se livrar da fama de lobo banana.

Comprou armadura, ferradura e dentadura.  
Decidiu se encorajar, queria mesmo poder assustar.  
Aterrorizar. Mas, no afã de mudar foi parar no divã.

Todo dia era a mesma agonia:  
Sessão tripla de terapia! Ele até que aprendia a controlar a emoção,  
A acalmar a respiração com ioga e meditação.  
Descobriu aliviado que não tinha nada de errado em fugir do padrão.

Não queria como refeição nem vovozinha, nem Chapeuzinho Vermelho.  
Ele se olhava no espelho e, por mais que tentasse, não se via soprando casas de palha,  
Madeira ou escalando chaminé pra jantar porquinhos que ela achava que tinha chulé.

Tinha pesadelos só de pensar em leitão, presunto, linguiça e salsicha.  
Esse era seu jeito. Era um lobo bom sujeito e só queria ser aceito.

Ele se chamava Mingau e não queria saber de ser mau.  
Com tratamento Freudiano, se assumiu vegetariano.  
Hoje vive bem feliz numa fazenda alternativa, onde cultiva tudo sem inseticida.

Mingau agora se acha um lobo bem normal.  
Até se apaixonou de forma irracional pela vizinha, uma loba gordinha, que já nasceu gulosa e cheinha.  
Por causa da silhueta nada convencional, foi batizada de loba Barriga, mas quem é que liga?

\* FIM \*

ANEXO 5 - ENDEREÇOS DE GRUPOS OU CONTADORES!

<http://bocadoceu.com.br/pagina-principal/>

<http://tapetescontadores.com.br/>

<https://biabedran.com.br/>

<https://www.facebook.com/pg/paepalanthus/posts/>

<https://www.historias-infantis.com/contos/historias/contos-populares/>

<https://quantoscontosvaleumconto.wordpress.com/category/contos-sufi/>

<https://www.recantodasletras.com.br/contos/>

<https://www.grimmstories.com>

<https://www.youtube.com/@angelabarcelloscafe2855/featured>

#### ANEXO 6 BIBLIOGRAFIA DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS:

1. ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo, Scpione, 1994.
2. \_\_\_\_\_, Bia. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.
3. BENJAMIN, Walter. **O narrador** (coleção *Os pensadores*). São Paulo: Abril Cultural, 1975.
4. BETHELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
5. BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores**. Belo Horizonte: Aletria, 2012a.
6. \_\_\_\_\_, Ilan. **A condenação de Emília: O politicamente correto na literatura infantil**. Belo Horizonte: Aletria, 2012b.
7. BUSATTO, Cleo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.
8. \_\_\_\_\_, Cléo. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012.
9. \_\_\_\_\_, Cléo. **Prática da oralidade em sala de aula**. São Paulo, Cortez, 2010.
10. CAFÉ, Ângela Barcellos. **Dos contadores de histórias e das histórias dos contadores**. Goiânia: Cegraf/UFG, 2005.
11. \_\_\_\_\_, Ângela Barcellos. **Princípios e Fundamentos para o Contador de Histórias aprendiz**. Lisbon, Lisboa, 2020.
12. CASCUDO, Luis da Câmara. **Lendas Brasileiras 8**. São Paulo: Global, 2002.

13. CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: editora da Unesp, 1998.
14. COELHO, Beth. ***Contar histórias: uma arte sem idade***. São Paulo: Ática, 1999.
15. COELHO, Nely Novaes. ***Os contos de fadas: símbolos, mitos e arquétipos***. São Paulo, DCL, 2003.
16. COSTTA, Sílvio. ***Como contar histórias usando sons: uma introdução à percepção e educação sonora***. São Paulo: Editora Ave Maria, 2008.
17. DOHME, Vânia. ***Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história***. São Paulo: Informal editora, 2000.
18. ESTÉS, Clarissa Pinkola. ***Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem***. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
19. FILHO, Francisco Gregório. ***Ler e conta, contar e ler: caderno de histórias***. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2011.
20. FOX, Geof. IN CABRAL, Beatriz. (org). ***O ensino do teatro: experiências interculturais***. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999.
21. GIORDANO, Alessandra. ***Contar histórias: um recurso terapêutico de transformação e cura***. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
22. GIRARDELLO, Gilka. ***Televisão e Imaginação Infantil: Histórias da Costa da Lagoa. Tese de Doutorado***. São Paulo: USP, 1998.
23. \_\_\_\_\_, Gilka. ***Baús e chaves da narração de histórias***. Florianópolis: SESC/SC, 2004.
24. \_\_\_\_\_, Gilka. ***Um roteiro teórico-literário para pensar o papel da narração oral hoje***. Florianópolis, Signo, 2014.
25. HARTMANN, Luciana. *Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2011.
26. JOSÉ, Elias. ***Memória, cultura e literatura: o prazer de ler e recriar o mundo***. São Paulo: Paulus, 2012.
27. \_\_\_\_\_, Elias. ***Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças***. Porto Alegre, Mediação, 2007.
28. MACHADO, Ana Maria, e Ruth ROCHA. ***Contando histórias, formando leitores***. São Paulo: Papyrus 7 Mares, 2011.



29. MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004a.
30. MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
31. \_\_\_\_\_, Gislayne Avelar, e Inno SORSY. **O ofício do contador de histórias**. São Paulo: Martina Fontes, 2009.
32. MEDEIROS, Fábio H. N.; VEIGA, Maurício B.; MORAES Taíza M. R. (organizadores). **Contar histórias: uns passarão, outros passarinhos**. Joinville, Editora Univille, 2015.
33. MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro : Rocco, 2006.
34. MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com a palavras**. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.
35. PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.
36. PENAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro, Rocco, 2008.
37. PRIETO, Benita (org.). **Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.
38. RIGOLET, Sylviane A. **Ler livros e contar histórias com as crianças: como formar leitores ativos e envolvidos**. Porto - Portugal: Porto Editora, 2009.
39. SCHCOLNIC, Clarice, e Fernando BEZERRA. **Contadores de História: Sobre a Arte da Narrativa**. São Paulo: All Print Editora, 2008.
40. SHELDLOK, Marie. **A arte de contar histórias**. Trad. Paulo Bocca Nunes. Sapucais do Sul: Aedos editora, 2016.
41. SISTO, Celso. **Textos & pretextos: sobre a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
42. SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias: para as crianças; pelas crianças**. São Paulo: Cultrix, 2005.
43. TAHAN, Malba. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

44. TATAR, Maria. **Contos de fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
45. TIerno, Giuliano. **A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática**. São Paulo: Ícone, 2010.
46. TITZMANN, Vera Maria. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cãnone, 2008.
47. TURCHI, Maria Zaíra. In: TURCHI, M. Z., e V. M. T. SILVA. **O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil**. Goiânia: Cegraf/UFG, 2002.
48. ZARATIN, Terezinha Nackéd. **Comunicação verbal - Educação vocal**. São Paulo: Paulus, 2010.
49. ZURK, Bernardo. "Imagina enquanto eu te conto." In: **Educação e Arte: linguagens artísticas na formação humana.**, por Celdon e MOREIRA, Janini FRITZEN, 119 à 130. Campinas SP: Papyrus, 2008.

#### TESES E DISSERTAÇÕES

ANDRADE, Aldanei Menegaz. *Quem conta um conto aumenta um ponto: contadores de histórias no Distrito Federal (1991 a 2011)*. Brasília: Dissertação de Mestrado - UnB - história cultural, 2012.

RAMALHO, Daniele. "Contos indígenas, uma experiência com narrativas dos primeiros povos brasileiros." In: *Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes.*, por Benita PRIETO, 25 à 29. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2012.

ROCHA, Vivian Munhoz. "Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias". *Tese de Doutorado*. São Paulo: Escola de comunicação e artes da Universidade de São Paulo, 2010.

STORT, Eliana Viera Ribeiro. "Cultura, Imaginação e Conhecimento: A educação e a formalização da experiência." *Tese de Doutorado*. Campinas: UNICAMP, 1989.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **OS CONTADORES DE HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. Brasília, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2015.

#### CONTATOS:

Ângela Barcellos Café

[abcafe@gmail.com](mailto:abcafe@gmail.com)

WhatsApp - 61 99677 3287